

CENTROS DE SAÚDE: DO PLANEJAMENTO À APROPRIAÇÃO. UM OLHAR SOBRE O MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO DAS NEVES/MG.

Paulo Henrique Lima de Oliveira *

Pesquisadores de diversas áreas têm discutido e analisado o papel dos espaços públicos na formação de rede de sociabilidades entre as pessoas. Estes locais são de extrema importância na construção da história das cidades e podem fomentar o exercício da cidadania. Pela importância que apresentam no dia-a-dia das pessoas, independente de classes sociais, credos ou raças, os espaços públicos revelam particularidades que algumas vezes não são percebidas. Há, então, algumas possibilidades para que os seus usos se constituam de forma diferenciada do que concebido originalmente.

Os Centros de Saúde mantidos pelo poder público, por exemplo, podem aparecer como exemplo claro de como o planejado nem sempre corresponde à sua forma de utilização real. Neles existem possibilidades diversas de uso e apropriação que interferem, inclusive, na qualidade do atendimento em saúde. A esta discussão cabe ainda incorporar os riscos de contaminação por doenças quando os Centros de Saúde são apropriados pela comunidade local.

A proposta de ser um local para atendimento médico/ambulatorial, marcação de consultas, aplicação de vacinas etc perde a sua referência quando os Centros de Saúde aparentemente tornam-se espaços similares à praças, botequins, delegacias ou à própria casa. Fomenta-se aí as relações de vizinhança, de cuidado com o outro, as inimizades e outras tantas possibilidades. Os Centros de Saúde aparecem como locais de encontros da comunidade, da expressão da carência material de muitas famílias, do debate, da denúncia e da vida associada às práticas sociais próprias da vida de bairro. Alie-se a estes fatores, o caráter pedagógico imbricado no seu funcionamento.

Ribeirão das Neves, o município mais pobre em arrecadação dos 34 que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), no estado de Minas Gerais, pode dar uma amostra da importância e da diversidade de usos dos espaços públicos, a partir da observação dos seus Centros de Saúde. Estes locais, que segundo um dos seus administradores locais, pode ser a “mão acolhedora da comunidade” ou o “presságio do inferno” funcionam além do planejamento dos teóricos que lidam com as políticas públicas de saúde. Estes teóricos do mundo urbano não conseguem, sequer, dar funcionalidade e ordenamento a estes locais. A comunidade então se encarrega de tal tarefa, mostrando que

* Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia/Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: limol@hotmail.com

os Centros de Saúde podem ser apropriados, muitas vezes, de forma diferenciada do que fora concebido.

Ribeirão das Neves localiza-se a 52 km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. É uma cidade de infra-estrutura urbana bastante carente de ações mais efetivas do poder público local e visível nas péssimas condições oferecidas de transporte urbano, na precariedade das incontáveis residências autoconstruídas, nos altos índices de violência divulgados constantemente nos meios de comunicação e na ausência de lugares gratuitos de fomento ao lazer e a sociabilidade. A cidade, que é conhecida pelos seus moradores como “cidade-dormitório”, tem a imagem de funcionalidade e organização vinculada à Belo Horizonte, um dos municípios mais próximos. Diga-se de passagem, que é na metrópole que a vida do consumo, do lazer e do trabalho aparecem com mais clareza para aqueles que não percebem estas possibilidades na sua cidade. À população de Ribeirão das Neves restou o lamento de viver na periferia expandida da metrópole. Mas o que a perda ou a carência de espaços públicos tem a ver com a cotidianidade desta “periferia metropolitana”? O processo de metropolização de Belo Horizonte pode dar pistas para responder a esta questão se utilizarmos como enfoque os Centros de Saúde de Ribeirão das Neves.